



**UM ESTUDO SOBRE *FANFICTION*:
a leitura e a escrita no ambiente digital**

Elizabeth Conceição de Almeida Alves*

RESUMO

Com a globalização e o advento da tecnologia passamos a viver em um mundo complexo em que o educador necessita inteirar-se dos novos estilos de construção de escrita. Um desses estilos é a *fanfiction* (ficção criada por fãs) vivenciada por adolescentes e crianças que escrevem sobre os seus personagens preferidos em aventura própria. Diante dessa realidade esta pesquisa, em andamento, procura investigar tal fenômeno e aponta para resultados que venham contribuir para a minha própria prática e levantar indagações para futuras pesquisas.

Palavras-chave: Letramentos. *Fanfiction*. Escrita.

1 INTRODUÇÃO

Nós vivemos hoje em dia em um mundo totalmente modificado em que os meios de comunicação e as mídias digitais têm feito parte da vivência de muitas crianças e adolescentes. Essas crianças e adolescentes têm acostumado a usar fora da sala de aula a internet para jogar, participar de bate-papo em chats, criar histórias, etc.

A internet tem sido um importante meio de comunicação e socialização de diferentes comunidades que em qualquer parte do mundo podem conectar-se, interagir-se das mais variadas formas. Dentro dessa cultura de participação, definida por Jenkins (1992, apud VARGAS, 2005) como “um novo estilo de consumo, que emerge devido a divulgação de novas tecnologias e pela convergência de mídias”; e por Lévy (2008) cibercultura, entendida como um “novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores” e que releva “não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o

* Mestranda em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal de Mato Grosso.

universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo”.

É nesse novo contexto, que pesquisadores (BUZATO, 2007; JORDÃO, 2007; MENEZES DE SOUZA, 2011; ROJO, 2007) vêm enfatizando a importância dos estudos de novos letramentos entendidos como práticas sociais que podem ser manifestadas de diferentes formas, em lugares diferentes e em situações distintas.

O termo ‘novos letramentos’ surge em um manifesto resultante em um colóquio do Grupo de Nova Londres (grupo de pesquisadores de letramentos reunidos em Nova Londres, Connecticut-EUA), no qual se afirmava a urgência da escola considerar os novos letramentos emergentes na contemporaneidade e a necessidade de conceber nos currículos a variedade de culturas presentes na sala de aula permeada pela globalização e com marcas de intolerância diante da diversidade cultural.

No Brasil, a partir do nascimento dos ‘novos estudos do letramento’, Brian Street, ressaltou que os letramentos são múltiplos e variam no tempo, espaço, situações e são determinados por relações de poder. (STREET, 1993; 2003 apud ROJO, 2012, p. 130).

Nessa direção, Lankshear e Knobel (2006, p. 66, tradução nossa) assinalam que letramento não seria na verdade um letramento, mas vários, como elucidam os autores: “Isso significa que letramento é realmente como uma família de práticas – letramentos [...] [que] variam de alguma forma entre si em termos de tecnologia usada [...] o conhecimento solicitado [...] as habilidades requeridas.”

Além disso os autores ainda acrescentam o seguinte:

Nós definimos letramentos como “modos socialmente reconhecidos de geração, comunicação e negociação de conteúdo significativo através da mídia de textos codificados dentro de contextos de participação em discursos (ou como membros de discursos)” (LANKSHEAR; KNOBEL, 2006, p. 64. Tradução nossa)

Queremos então, destacar uma dessas realidades ou práticas sociais o ‘fanfic’, termo resultante da fusão de duas palavras inglesas *fan* e *fiction*, ou seja, ‘ficção criada por fãs’, mas que também pode ser chamada de *Fic*.

Fanfiction trata-se de contos ou romances escritos por terceiros. Os autores dessas *Fics* são chamados de *Fictores*. Esse tipo de gênero não apresenta caráter comercial nem lucrativo, pois são escritos por fãs que se utilizam de personagens ficcionais já existentes.

Tal prática tem sido vivenciada por jovens, adolescentes e crianças que escrevem sobre os seus personagens preferidos em aventura própria. Eles se engajam em eventos de letramentos diversificados que demandam ler e escrever na esfera digital, no entanto, muitos

desses eventos não são reconhecidos pela escola, pois na instituição eles devem se envolver em leitura e escrita pertinentes às atividades propostas no currículo linear.

Diante desse conflito o que a escola pode fazer para envolver as vivências digitais dos alunos no processo de ensino aprendizagem? Porquê os alunos escrevem histórias na internet e se recusam a escrever muitas vezes no ambiente escolar? Como trazer essas novas formas de aprendizagem para o contexto escolar?

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Na contemporaneidade estamos diante de novas formas de aprendizagem, algumas evidenciadas pelo mundo digital, que têm sido chamadas de práticas sociais de letramento. Teóricos (SOARES, 2001; KLEIMAN, 1995; ROJO, 2009) têm definido letramento como práticas sociais associadas à leitura e à escrita onde os sujeitos vivenciam tal prática em um determinado contexto social. Dentro do letramento, a escrita pode ainda ser definida como sistema simbólico e como tecnologia que são utilizados em ambientes próprios e com finalidade própria. Essas práticas podem ser valorizadas ou não valorizadas, locais ou globais, envolvendo ambientes sociais variados tais como: família, igreja, trabalho, escola, etc.

Quanto ao tema letramento há ainda que se distingui-lo da alfabetização, já que o primeiro se refere ao uso da linguagem envolvendo a escrita de uma forma ou de outra, ou seja, em contextos diferentes; enquanto que a alfabetização é a ação de ensinar a ler e escrever e refere-se a uma competência individual.

Podemos ilustrar esta diferenciação no dizer de Soares (2001, p. 47) que a alfabetização é definida como “ação de ensinar a ler e a escrever”, e o termo letramento é caracterizado como o “estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce práticas sociais que usam a escrita.”

Assim, como fenômeno social, as Orientações Curriculares (2010) enfatizam que tanto o letramento quanto a alfabetização, no âmbito das linguagens, se faz necessário a proposição de atividades que levem em conta os saberes e o que o aluno traz do seu viver diário, possibilitando assim que o aluno mantenha contato frequente com textos e leituras variadas, vendo assim a escola, não como uma agência apenas alfabetizadora, mas também como uma agência que possibilite o uso desse sistema em práticas sociais.

Nesse sentido, então, é fundamental reconhecer que a linguagem constrói as realidades/verdades que conhecemos (JORDÃO, 2007). É através da linguagem que entendemos as realidades no mundo e a partir daí constituímos as verdades sobre ela e quando

a ação é pela linguagem em situações sociais diversas, os gêneros são mobilizados seguindo as necessidades imediatas de comunicação.

Desta forma, um dos objetivos da escola deveria ser permitir que os alunos compartilhem das várias práticas sociais, ou seja, de práticas de letramento onde possam utilizar a leitura e a escrita. Para isso é pertinente que a educação linguística valorize na atualidade os diversos letramentos de forma ética e participativa. Nesse sentido, passaremos a entender um pouco mais o letramento digital.

O letramento digital está associado a tecnologia. A explosão do computador e da internet trouxe uma nova dinâmica de comunicar-se e de conseguir informação construindo assim sentidos. Tal prática permite o uso fluído e contínuo da tecnologia digital com o objetivo de trazer uma dinâmica efetivamente digital para a sala de aula.

Segundo Buzato (2004) essa categoria pode ser compreendida como o conjunto de saberes que possibilita os indivíduos contemporâneos serem participantes ativos de práticas letradas mediadas por ferramentas tecnológicas que permeiam o mundo atual.

No âmbito da cultura digital, Magda Soares define letramento digital de maneira distinta:

Um certo estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e escrita na tela, diferente do estado ou condição - do letramento dos que exercem práticas de leitura e escrita no papel. (SOARES, 2002, p. 151 apud FRADE, 2011, p. 60)

Para Frade (2011), é pertinente dizer que o letramento digital implica não apenas a apropriação de uma tecnologia, mas, acima de tudo, o exercício efetivo das práticas de escrita que circulam no meio digital.

Compreendemos portanto, que o letramento digital é uma noção importante no cenário dinâmico contemporâneo, pois abarca uma infinidade de práticas sociais que envolvem a leitura e a escrita no ambiente digital, mediado por tecnologias que vem instaurando novas formas de comunicação.

Conforme sustenta Braga (2007, p. 188) “finalmente, nenhuma consideração sobre letramento digital e acesso social pode ignorar o fato de que a internet permitiu que qualquer pessoa pudesse divulgar sua voz social de forma pública.”

3 A LEITURA E A ESCRITA NO AMBIENTE DIGITAL

Com a globalização e o advento da tecnologia passamos a viver em um mundo complexo em que jovens e adolescentes participam de práticas sociais diferenciadas, mediadas pela leitura e pela escrita. Observamos que esses sujeitos desenvolvem certa familiaridade com eventos de letramentos variados e significativos que contribuem na constituição de si como indivíduos, como cidadãos, como participantes de grupos diversificados configurando assim, a cultura de participação. Nesse viés, Vargas (2005) aponta que essa cultura é peculiar de uma geração que rompe com os padrões de receptores passivos.

É nessa nova configuração contemporânea que habitam os leitores e escritores de tela. Dentre eles, jovens e adolescentes que tem o hábito de passar horas navegando na internet na busca e na leitura de histórias que reportam a um original, cuja admiração é compartilhada com usuários que integram determinada comunidade.

Chartier considera que as novas formas de produção e leitura de texto na tela vem configurando uma revolução no processo de leitura e escrita. Segundo o autor, com essas mudanças,

Se abrem possibilidades novas e imensas, a representação eletrônica dos textos modifica totalmente a sua condição: ela substitui a materialidade do livro pela imaterialidade de textos sem lugar específico; às relações de contiguidade estabelecidas no objeto impresso ela opõe a livre composição de fragmentos indefinidamente manipuláveis; à captura imediata da totalidade da obra, tornada visível pelo objeto que a contém, ela faz suceder a navegação de longo curso entre arquipélagos textuais sem margens nem limites. Essas mutações comandam, inevitavelmente, imperativamente, novas maneiras de ler, novas relações com a escrita, novas técnicas intelectuais. (CHARTIER, 1994, p. 100-101 apud SOARES, 2002, p. 152)

Essas novas maneiras de ler e escrever que permeiam a pós-modernidade dão lugar a novos gêneros discursivos, possibilitados pela presença de novas tecnologias aliadas ao universo digital.

Nessa direção Chartier aponta que as mudanças provocam novas situações de produção de leitura e autoria. Para o autor

o novo suporte de texto [a tela do computador] permite usos, manuseios e intervenções do leitor infinitamente mais numerosos e mais livres do que qualquer uma das formas antigas do livro. [...] O leitor não é mais constrangido a intervir na margem, no sentido literal ou no sentido figurado. Ele pode intervir no coração, no centro. Que resta então da definição do sagrado, que supunha uma autoridade impondo uma atitude de reverência, de obediência ou de meditação, quando o suporte material confunde a distinção entre o autor e o leitor, entre a autoridade e a apropriação? (CHARTIER, 1998, p. 88,91 apud ROJO, 2013, p. 20)

Dentro desses novos contextos e fenômenos sociais despontam novas formas de ler e escrever na contemporaneidade como o *fanfiction*, que diante das constantes mudanças sociais e implementações de novos letramentos têm surgido como cultura de leitura e escrita na internet.

É nesse contexto de leitura e produção na tela e com o advento da internet, que o gênero *fanfiction* emerge como uma prática de letramento online motivada pela utilização de produtos associados à indústria do entretenimento.

Mesmo já existindo antes da internet, foi com o advento desta que as *fanfictions* começaram a agregar um número maior de fãs havendo um engajamento mútuo das pessoas que participam dessa comunidade virtual, rompendo barreiras geográficas e linguísticas.

É importante destacar que os fãs que participam dessa cultura utilizam a internet como um instrumento poderoso para organização das comunidades de fãs (o chamado ‘fandom’) que engajam em produções de *fanfics*, que apresentam características peculiares criadas socialmente pelos seus membros para publicar seus trabalhos de autoria.

Dentre as novas tecnologias, Jenkins refere-se à internet como uma possibilitadora de divulgação dos produtos alternativos permitindo, assim, atingir um público maior e criando possibilidades, através da rede, de construção de laços sociais. Afirma ainda que, indivíduos que possivelmente, nunca se encontrariam no mundo real podem recorrer a realidade virtual para conectar-se uns com os outros criando laços sociais mesmo geograficamente separados.

De acordo com Vargas (2005), no Brasil, essa prática se tornou mais visível e ganhou impulso a partir de 2000, ano em que foi publicado o primeiro livro da Série Harry Potter, de J. K. Rowling.

Os autores desse gênero escrevem a partir de certa afinidade que desenvolveram com personagens conhecidas através de leituras de livros, filmes, seriados, bandas e tais personagens despertam esses autores que não se contentam em apenas ler, assistir, ouvir e passam a interagir por intermédio da produção escrita criando e recriando histórias fictícias agindo como autor, porém sem fins lucrativos.

Em conformidade com essa ideia, Jenkins afirma que,

a *fanfiction* repara alguns dos prejuízos causados pela privatização da cultura, permitindo que esses arquétipos culturais, potencialmente ricos, falem por e pra uma variedade cada vez maior de visões políticas e sociais [...] A *fanfiction* ajuda a aumentar o interesse em potencial em uma determinada série, ao direcionar seus conteúdos para fantasias que muito dificilmente alcançariam uma distribuição em grande escala, customizando-os de acordo com os nichos culturais que são mal representados, ou malservidos, pelo material divulgado. (JENKINS, 1998)

De acordo com Jenkins (1992 apud VARGAS, 2005, p. 45), os autores e leitores que produzem as *fanfictions* são na sua maioria mulheres brancas de classe média com a idade que vai da pré-adolescência a idade adulta. Esses grupos são desconhecidos pela escola, que permanece apenas com as atividades de sala de aula entre as quatro paredes anulando assim virtualidade de seus alunos.

Vargas (2005) assinala que esse estilo é obscuro para a maioria da comunidade não virtual e também nos meios educacionais. Tais produções ficam apenas no universo do aluno, pois, na sala de aula, ele só pode produzir algo que a professora solicitar havendo aí então, uma discrepância entre a agência escola e o sujeito aluno.

Nas palavras de Menezes de Souza (2011) isso tudo parece acontecer fora da sala de aula e os professores fazem de conta que ainda estão arraigados no modelo antigo de educação denominada por Paulo Freire como “educação bancária” (FREIRE, 1983, p. 35) acontecida dentro de uma linearidade em que o aluno é um ser passivo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contemporaneidade abre espaço para a prática dos variados eventos de letramentos. Esses espaços estão repletos de mídias que permitem conexão ininterrupta potencializando uma comunicação mais fluida e híbrida. No entanto, as novas gerações estariam tendo tudo isso fora da escola, onde ganham mais habilidade no uso do letramento digital.

Dentre os diferentes letramentos emergentes na mídia contemporânea e presente no ambiente virtual, discorreremos neste trabalho sobre a *fanfiction*, que circula no ciberespaço onde os usuários expõem de forma espontânea suas percepções, produções, opiniões, experiências e compartilham nesse ambiente que pode ser entendido, então, como um local de construção de uma inteligência coletiva em potencial (LÉVY, 2008).

Portanto tal cultura tecnológica ainda predomina em torno de atividades sociais desenvolvidas pelos jovens fora dos limites da escola. Sibilia (2012) afirma que a escola ainda continua com a ideia de confinamento, própria da instituição oitocentista, alimentada por antigas tecnologias como o quadro e o giz, permitindo que os arcaicos rigores escolares façam parte diariamente das experiências escolares.

Ainda nos ambientes escolares é recorrente a queixa que os jovens não leem nem escrevem nem se interessam pelas leituras e escritas mais tradicionais, mas é possível constatar, através dos meios eletrônicos, sites que abrigam grande quantidade de *fanfics*

postadas por jovens e adolescentes que dedicam tempo de lazer para a leitura e escrita e a publicação de histórias ficcionais.

Diante disso é interessante destacar que esses usuários se encontram nas salas de aula e se o letramento é um fenômeno social seria pertinente trazer para o espaço escolar os usos sociais da leitura e escrita. Nesse sentido é possível perceber que abrir espaço para dialogar com alunos sobre em que práticas estão engajados fora da sala de aula pode ser uma maneira interessante de conhecê-los mais.

Diante desse panorama, Sibilia (2012, p. 211) destaca que: Falta, sem dúvida, o mais difícil: redefini-las (escolas) como espaços de encontro e diálogo, de produção de pensamento e decantação de experiências capazes de insuflar consistência nas vidas que as habitam.

Lidar com esses desafios é levar em conta a urgência de descobrir maneiras de valorizar o gênero *fanfiction* na esfera escolar, enxergando o aluno como um construtor e colaborador na era das linguagens líquidas.

A STUDY ON FANFICTION: reading and writing in a digital context abstract

ABSTRACT¹

With globalization and the advent of technology we now live in a complex world in which the educator must become acquainted with new ways of constructing writing. One of these styles is fanfiction (fiction created by fans) experienced by teens and children who write about their favorite characters in their own adventures. Facing that reality, this ongoing research seeks to investigate this phenomenon and points to results that will contribute to my own practice and raise questions for future research.

Keywords: Literacy. Fanfiction. Writing.

REFERÊNCIAS

BRAGA. D.B. Práticas Letradas Digitais: Considerações sobre Possibilidades de Ensino e de Reflexão Social Crítica. In: ARAÚJO. J.C.(Org.) **Internet & ensino: novos gêneros, outros desafios**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

¹ Revisão realizada por Marki Lyons (CTLE – Revista Eventos Pedagógicos).

BUZATO, M.E.K. Desafios empírico metodológicos para a pesquisa em letramentos digitais. **Trabalhos em Linguística Aplicada**. Campinas: UNICAMP, n° 46, p. 45-62, 2007.

BUZATO, M.E.K. Letramento digital abre portas para o conhecimento. **EducaRede**, Disponível em: <http://www.educarede.org.br/educa/html/index_busca.cfm> Acesso em: 12 mar. 2004.

Fanfic (verbete). Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Fanfic>>. Acesso em: 24 out. 2012.

FRADE, I.C.A.S. Alfabetização Digital: Problematização do conceito e possíveis relações com a pedagogia e com aprendizagem inicial do Sistema de escrita. In: COSCARELLI, C.V; RIBEIRO, A.E.(Orgs.) **Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Ceale: Autêntica, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 11.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

JENKINS, H. **The Poachers and the Stormtroopers: Cultural Convergence in the Digital Age**. Massachusetts Institute of Technology, Disponível em <<http://web.mit.edu/21fms/People/henry3/pub/stormtroopers.htm>> Acesso em 31 jul. 2013.

JORDÃO, C.M. As lentes do discurso: letramento e criticidade no mundo digital. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas: UNICAMP, n° 46, p. 19, 2007.

KLEIMAN, A. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, A. (Org.) **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995, p. 15-61.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Trad. COSTA, C.I. São Paulo: Editora 34, 2008.

ROJO, R.(Org.) **Escol@ Conect@d@: Os multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

ROJO, R. Letramentos digitais - a leitura como réplica ativa. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas: UNICAMP, n° 46, p. 63-78, 2007.

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROJO, R; MOURA, E.(Orgs.) **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DE MATO GROSSO. **Orientações Curriculares Área de Linguagens: Educação Básica**. Cuiabá: Defanti, 2010.

SIBILIA, P. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão**. Trad. RIBEIRO, V. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SOUZA, L.M.T.M. O professor de inglês e os letramentos no século XXI: métodos ou ética? In JORDÃO, C.M; MARTINEZ, J.Z; HALU, R.C. (Orgs.) **Formação “desformatada” Práticas com professores de língua inglesa**. Campinas: Pontes Editores, 2011, p.279-303.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autentica, 2001.

SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br/revista/rev/rev81.htm>> Acesso em 31 jul. 2013.

VARGAS, M.L.B. **O fenômeno Fanfiction: novas leituras e escrituras em meio eletrônico**. Passo Fundo: Ed.Universidade de Passo Fundo, 2005.